

## **MEDICALIZAÇÃO NA DOCÊNCIA COMO FENÔMENO DA PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO EM SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA/RJ: COMPREENDENDO OS MOTIVOS EXISTENTES**

Thalles Azevedo Ladeira

Aluno do programa de Mestrado acadêmico em Ensino da Universidade Federal  
Fluminense (UFF)

thalles-ladeira@hotmail.com

Thacio Azevedo Ladeira

Pedagogo do Núcleo de Apoio Especializado (NAE) de Miracema/RJ e professor da rede  
municipal de Miracema

thacioladeira@gmail.com

Fernanda Fochi Nogueira Insfrán

Professora adjunta da Universidade Federal Fluminense (UFF) e coordenadora do  
programa de pós-graduação em Ensino da Universidade Federal Fluminense (UFF)

Insfran.nery@gmail.com

### **Resumo**

Este trabalho se propõe a fazer uma análise do fenômeno da medicalização na docência, a partir do levantamento de entrevistas sobre as condições de saúde dos professores da educação básica do município de Santo Antônio de Pádua/Rj. O objetivo da pesquisa é apontar os motivos que levaram ou levam tais professores a fazerem uso de medicamentos, tais como: a Ritalina, Rivotril, etc., considerando as precárias condições de trabalho aos quais os docentes estão inseridos. Primeiramente devemos apontar as condições objetivas nas quais se dá o trabalho dos professores do referido município, considerando, primeiramente, a desvalorização salarial, cabendo considerar também a carga excessiva de trabalho em mais de uma escola, a superlotação das turmas, as condições de infraestrutura escolar, a falta de respeito e/ou até mesmo a violência na relação aluno-professor, dentre outros fatores, apontados por eles, que vem caracterizando o trabalho docente como precarizado e superexplorado, levando ao adoecimento do professor. Entretanto, o adoecimento da saúde física e psíquica não são os únicos motivos para explicar o uso de psicofármacos pelos professores, pois foi verificado nas entrevistas, também, o fenômeno do “adoecimento do olhar”, isto é, o olhar patologizante, que leva professores a fazerem uso de medicamentos de forma indiscriminada e sem prescrição médica, para evitar o adoecimento, por considerar sua relação com o trabalho adoecedora. Logo, esse trabalho objetiva-se, a partir

das entrevistas semiestruturadas, com oito professores que trabalham nas escolas públicas municipais de Santo Antônio de Pádua/Rj, para compreender os motivos impulsionadores do uso de medicamentos.

**Palavras-Chave:** Psicofármacos. Educação. Docentes.

## **Introdução**

Para introduzir este trabalho, é importante afirmar que ele se originou de um incômodo inicial meu e da minha orientadora de mestrado, prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Fernanda Insfrán, ao observar a partir de nossa inserção nas escolas municipais de Santo Antônio de Pádua/Rj, como bolsista e coordenadora do programa Institucional de Bolsa de iniciação a Docência (PIBID), pela CAPES, no meu período da graduação em Pedagogia, que as condições de trabalho dos professores do referido município estão altamente precarizadas, a partir de diversos fatores como: a desvalorização do salário; cargas de trabalho excessiva; a falta de respeito e/ou até mesmo a violência na relação aluno-professor; precária infraestrutura, falta de material didático, a burocratização do sistema escolar, dentre outros fatores, que, conforme pudemos observar, vêm acarretando no fenômeno da medicalização na docência.

No entanto, antes de aprofundarmos na medicalização, iremos dar destaque para os processos de precarização do trabalho docente.

Primeiramente, cabe destacar aqui que a Organização Internacional do Trabalho qualificou a atividade docente como de alto risco, classificando-a como a segunda categoria profissional a portar doenças ocupacionais<sup>1</sup>.” (MIRANDA, 2017, p.14).

Essa situação pode ser explicada se levarmos em conta as condições de trabalho do professor, os controles a que é submetido, as deficiências nas condições de infraestrutura do ambiente laboral, cargas de trabalho excessivas, desvalorização do salário, a falta de respeito e/ou até mesmo a violência na relação aluno-professor, dentre outros fatores, que fazem do trabalho docente um trabalho precarizado e superexplorado.

---

<sup>1</sup> OIT, 1984

Nesse sentido, destaco Bastos (2014) ao afirmar que o trabalho precarizado e o adoecimento dos professores possuem uma relação muito íntima. Ela ainda afirma que os professores adoecidos podem assumir uma posição de frieza em relação aos seus alunos. Nesse caso, há um afastamento das relações interpessoais, podendo tornar inviável o processo de ensino-aprendizagem. (Bastos, 2009, p.18)

Além disso, professores adoecidos podem apresentar dificuldades em manifestar o mínimo de empatia necessária à transmissão de conhecimento, associado a quadros de ansiedade, melancolia, baixa autoestima, sentimento de exaustão física e emocional, alterações na dinâmica psíquica, dentre outras variadas reações. (Bastos, 2009, p.18).

De forma semelhante, cabe citar Nóvoa (1996), ao afirmar que

As consequências da situação de mal-estar que atinge o professorado estão à vista de todos; elevados índices de absenteísmo e abandono, desmotivação pessoal, insatisfação profissional traduzida numa atitude de desinvestimento e indisposição constante [...] e ausência de reflexão crítica sobre a ação profissional. (NÓVOA, 1996, P.22).

Outra consequência do adoecimento docente é que a partir dele, inicia-se o uso de psicofármacos. É justamente nesse ponto que iremos aprofundar esse trabalho. Para isso, cabe citarmos Moyses e Collares (2014) ao apontar que “vivemos um tempo em que a medicalização avança a passos largos sobre todas as esferas da vida”. (MOYSES; COLLARES, 2014, p. 24).

Isso nos leva a pensar que diferentes são os motivos que levam os professores a fazerem uso de psicofármacos. Considerando ser esse o objetivo geral desta pesquisa, iremos ao longo da discussão, apresentar os motivos para o uso de medicamentos, dos professores do município de Santo Antônio de Pádua/Rj, em interface com suas condições objetivas de trabalho.

## **Metodologia**

No que se refere à estratégia metodológica utilizada, cabe apontar que essa pesquisa se deu a partir de uma ampla investigação bibliográfica em profunda relação com uma série de entrevistas semiestruturadas com oito professores da rede municipal de Santo Antônio de Pádua/Rj, que por sua vez, fazem ou já fizeram uso de medicamentos psicofármacos, em função de suas condições objetivas de trabalho, nos proporcionando coletar informações fundamentais da relação professor-trabalho, que serão destacadas com mais detalhes ao longo do texto, a fim de compreender melhor como se dão tais relações, em interface com o fenômeno do adoecimento docente que se desdobra na medicalização.

## **Discussão**

De acordo com Chagas e Pedrosa (2016), “a medicalização é um tema que se tornou central na discussão acerca da realidade atual da educação” (CHAGAS; PEDROSA. 2016. p.1). Partindo desse indicativo, fomos a campo, e entrevistamos oito professores que afirmaram fazer ou já terem feito uso de medicamentos.

Nossa intenção aqui é destacar os motivos apontados por eles, para o uso de psicofármacos. Aliás, é interessante entender que os psicofármacos são considerados medicamentos que atuam no sistema nervoso central, interferindo na fisiologia, na cognição e no comportamento humano (BARP, S. 2013, p.7) e o seu uso tem crescido exponencialmente no Brasil em função da nova morfologia do trabalho. (ANTUNES, 2009).

Diante dessa premissa, e a partir das entrevistas realizadas, destaco que o primeiro motivo apontado para o uso de medicamentos é em razão do adoecimento, que pode ser físico, psíquico, ou ambos, considerando que variadas são as doenças ocupacionais que acometem os professores na contemporaneidade, em virtude do sobreesforço dos mesmos na realização de suas tarefas e hipersolicitação de suas funções psicológicas. (GASPARINI; ASSUNÇÃO; BARRETO; 2005, p.192).

No caso dos professores do referido município, doenças como a depressão, dores musculares, dores nas cordas vocais, além do alto nível de estresse foram suficientes para os impulsionarem a fazer uso de medicamentos.

No entanto, o desdobramento dessas doenças, segundo as entrevistas realizadas, se deu em função de precárias condições de trabalho. Nesse sentido, cabe destacar a realidade de trabalho dos professores que atuam no município de Santo Antônio de Pádua/Rj.

Um primeiro ponto de análise é em relação ao salário. É necessário ter em vista que, de acordo com o Edital do último concurso (2015)<sup>2</sup> e confirmado por eles em entrevista, tais professores recebem menos de 900 reais mensais. Isso, segundo eles, é extremamente desestimulador para o trabalho. E sabe-se que o trabalho realizado cotidianamente de modo desvalorizado e desestimulado pode ser um fator de adoecimento. Além disso, outros fatores foram apontados por eles, como: a indisciplina dos alunos, a competição entre os próprios professores, a superlotação das salas de aula, a burocratização do sistema escolar, a sobrecarga de tarefas para realizar em casa etc.

Isso entra em conformidade com o que vem sendo afirmado por Baião e Cunha (2013) ao apontar que “o trabalho pode proporcionar muitas realizações, como pode também ser um elemento de problemas ao desencadear prejuízos à saúde do trabalhador.” (BAIÃO; CUNHA. 2013 p. 7).

Partindo desse indicativo, eles ainda seguem dizendo que “se tratando da categoria docente o ambiente de trabalho e fatores psicossociais têm sido considerados os maiores causadores de problemas de saúde”. (BAIÃO; CUNHA, 2013, p. 8).

No entanto, pudemos analisar a partir das entrevistas, que não é apenas o adoecimento o único fator que tem levado os professores a fazerem uso de medicamentos.

Um segundo motivo pouco discutido se fez presente na fala dos professores entrevistados e vai para além do adoecimento físico do professor, mas desvela o

---

<sup>2</sup><https://www.incpcursos.org.br/uploads/21/concursos/18/anexos/6096fde2485423e6247eb38d99e9e0a8.pdf>

“adocimento do seu olhar”, com a perda de expectativas sobre sua prática. A rotina docente, quando inserida em contexto de sucateamento da categoria, esgota a motivação do professor pelo excesso de atividades de trabalho, pouco reconhecimento e baixo retorno financeiro.

Com isso, a figura do professor, que deveria ser modelo de pensamento crítico, vai se adequando a lógica do pensamento linear, contribuindo para manutenção da escola enquanto máquina do estado (DELEUZE, GUATTARI, 1995). O resultado se reflete em sua prática, com conteúdos cada vez mais esvaziados de leitura crítica da realidade, aulas desmotivadoras, aumento do gritar docente, movidos por encontros que diminuem a potência de agir (SPINOZA, 2009, p. 99).

Aqui, fica claro para nós, que não necessariamente o professor precisa estar acometido com alguma doença para fazer uso de medicamentos. Esse destaque está sendo dado, pois o que mais encontramos em nossas pesquisas de campo, foram professores com um olhar extremamente doente, fazendo usos indiscriminados de medicamentos, cabendo levar em conta, que muitas das vezes, é a partir daí, que sua saúde se torna efetivamente doente.

Logo, torna-se importante destacar que parte dos professores confessaram fazer uso dos medicamentos de forma irresponsável, sem uma consulta antecipada com um médico, usando a automedicação, segundo eles, como forma de prevenir doenças, não percebendo que isso se configura em um olhar já adoecido que se desdobra em um estilo de vida adoecedor.

## **Conclusão**

Concluimos então, afirmando que é necessário que o professor assuma uma nova postura no sentido de criar linhas de fuga (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p.46), rompendo com movimentos maquínicos da escola. Porém, primeiro se faz necessário que sejam consideradas suas necessidades trabalhistas, bem como alcance de justa remuneração e condições adequadas de trabalho. De acordo com Monteiro, “será sempre na composição e na combinação de acontecimentos daqueles que, em suas experiências, escolhem correr riscos e inventar práticas

singulares atravessadas pelo paradigma ético-político, que fabricaremos um olhar de trans(ver) o que se passa na escola.” (MONTEIRO, 2013).

## Referências

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho.** 2ª ed. São Paulo: Boitempo. 2009.

BAIÃO, L.P.M.; CUNHA, R.G. **Doenças e/ou Disfunções Ocupacionais no Meio Docente: Uma Revisão de Literatura.** Formação Docente, v. 5, p. 6-21, 2013.

BARP, S. **Estudo do uso de psicofármacos por professores do município de Boa Esperança do Iguçu-Pr.** Trabalho de conclusão de curso apresentado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Paraná-Pr. 2013.

BASTOS, Josane A. Q. R. **O mal estar docente, o adoecimento e as condições de trabalho no exercício do magistério, no ensino fundamental de Betim/MG.** Dissertação (mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós graduação em Educação. Belo Horizonte. 2009.

CHAGAS, Julia Chamusca; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira . **Patologização e Medicalização da Educação Superior. Psicologia: Teoria e Pesquisa** (Brasília. Online), v. 32, p. 1-10, 2016.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. v.1

GASPARINI, Sandra Maria; ASSUNÇÃO, Ada Ávila ; BARRETO, Sandhi Maria . **O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde.** Educação e Pesquisa (USP), v. 31, p. 189-199, 2005.

MIRANDA, M.B. **Saúde emocional de professores das escolas estaduais de Juiz de Fora- MG: Depressão e Burnout.** Dissertação (mestrado acadêmico). Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de pós graduação em Psicologia, 2017.

MOYSES, M. A. A.; COLLARES, Cecília Azevedo Lima . **Medicalização do comportamento e da aprendizagem: a nova face do Obscurantismo.** In: Viégas, L. (Org.). Medicalização da Educação e da Sociedade: Ciência ou Mito?. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2014, v. 1, p. 32. MONTEIRO, Helena Rego. **A produção do olhar-psi: é possível trans(ver) o que se passa na escola?** In: Comissão de Psicologia e Educação do CRP-RJ (Org.). Conversações em Psicologia e Educação. Rio de Janeiro: Conselho Regional de Psicologia, 5ª Região, 2013

NÓVOA, Antônio. **O passado e o presente dos professores.** In: NÓVOA, Antônio. (Org.) Profissão professor. Porto, Portugal: Porto Editora, 1996.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.